

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

VITÓRIA VIVIAN CAMELO MARTINS

**SANTO OU DEMÔNIO:
A FIGURA ANTÔNIO CONSELHEIRO NO FILME GUERRA DE CANUDOS (1996)**

Artigo apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a): Prof. Jefferson Veras

Aprovado em dd/mm/aaaa.

Banca examinadora:

Prof Jefferson Veras Nunes (orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof Luiz Tadeu Feitosa (membro)
Universidade Federal do Ceará

Prof Antônio Wagner Chacon Silva (membro)
Universidade Federal do Ceará

Fortaleza
2025

RESUMO

O artigo aborda uma visão sobre a imagem de Antônio Conselheiro no filme A Guerra dos Canudos, dirigido por Sérgio Rezende e lançado em 1996. Por meio de pesquisa bibliográfica do estudo sobre representações, entre sociais e históricas, a pesquisa apresenta uma revisão sobre estas; segundo outros estudiosos sobre Conselheiro e Canudos, a vida real de Conselheiro também é revisitada, juntamente com o contexto sobre Canudos, como o arraial e o seu líder se tornaram os inimigos públicos mais importantes da época e a necessidade de apagá-los para o resto da História. Finalmente, a análise mostra que embora seja difícil saber os reais objetivos e desejos do líder religioso, o filme o apresenta como um ser mítico e influente, imortalizado na boca dos seus inimigos e dos seus aliados, como alguém que apresentou a possibilidade de liberdade para os que não a possuíam, e como o preço para ela é caro.

Palavras-chave: Guerra de Canudos; Antônio Conselheiro; representações sociais.

ABSTRACT

The article brings a vision about the image of Antônio Conselheiro in the movie “The War of Canudos”, directed by Sergio Rezende and released in 1996. Via a bibliographic research on the study over representations, between social and historic, the research presents a revision about these; following other studios about Conselheiro and Canudos, the real life of Conselheiro is also revisited, along with the context about Canudos, about how the fair and its leader became the most important public enemies of the time and the need to erase them for the rest of History. Finally, the analysis shows that although it's difficult knowing the real reasons and desires of the religious leader, the movie portrays him as someone mythical and influential, immortalized on the mouth of his enemies and his allies as someone that presented the possibility of freedom to those who did not have it, and how expensive its price is.

Keywords: Antonio Conselheiro; Canudos; social representations.

1 Introdução

Durante aulas de história na educação básica, é passado muito tempo falando sobre história antiga, história estrangeira, história fora do Ceará, a história dos poderosos: é ensinado sobre a Idade Média na Europa, sobre a colonização e os benefícios que isso trouxe para impérios e os malefícios para os explorados, sobre como a corte portuguesa se estabeleceu no Rio de Janeiro. Adentrar séculos de história mundial, nacional e estadual, afinal, não é fácil, ainda mais com a necessidade de padronização do conhecimento; a História é feita de recortes, e estes refletem o que é tido como mais

importante, o que, naturalmente, deixa lacunas sobre eventos e personagens apagados da história e memória.

Frequentemente, estes “esquecidos” acabam sendo os que, talvez, se mostrem como mais próximos da realidade da pessoa comum, e o seu apagamento parece ser intencional e infeliz; a memória de certas pessoas, talvez, possa alimentar pensamentos e atitudes que não seriam bem quistas ou bem vindas — certamente esse seria um pensamento parecido com o das elites que os silenciaram, ainda em vida. A voz de Antônio Conselheiro foi uma voz difícil de ser silenciada; foram necessárias quatro expedições militares para destruir o arraial que ele liderava na Bahia, Belo Monte (ou como se imortalizaria, Canudos) e, ainda assim, não foi uma luta fácil: é notado por diversas vezes que Canudos nunca se rendeu (e o próprio Conselheiro foi tomado por doença, e não por bala).

Após a sua morte e a queda de Canudos, Conselheiro ainda assombra as mentes dos que vem depois dele; são diversos os trabalhos acadêmicos e históricos feitos sobre a sua figura, e cada autor tem a sua própria opinião como representá-lo no meio da Guerra de Canudos. As produções cinematográficas, porém, são encontradas em menores quantidades, e a mais notória é A Guerra de Canudos, filme de Sérgio Rezende lançado em 1996. Nele, Conselheiro é um personagem secundário à uma família fictícia que se assenta em Canudos, mas a sua imagem, representada pelo também cearense José Wilker, é definitiva para os demais personagens da obra e ele é referido por diversas vezes como uma lenda, mesmo em vida; Luíza, uma das filhas da família (interpretada por Cláudia Abreu), logo no início da obra, dita o que seguiria o líder religioso pelo resto do filme: quando comentam que “dizem que ele é santo”, ela rapidamente retorna com “(ele) mais parece é o demô(nio)”.

Luíza não é a única que tem o costume de falar sobre Conselheiro no filme, e tomar a sua visão do homem como algo que define a sua vida; a maioria dos personagens no filme de Rezende o fazem, criando vários imaginários de Conselheiro durante a obra. Assim, o interesse desse trabalho seria questionar qual é a imagem (ou as imagens) representada de Antônio Conselheiro no filme Guerra de Canudos?

Adicionalmente, busca-se entender como os personagens do filme se relacionam com Conselheiro e como esses relacionamentos e visões influenciam a imagem do líder religioso; observar como o contexto regional e nacional molda tanto Conselheiro quanto a própria Guerra de Canudos e notar como a Guerra de Canudos é adaptada no filme, pontuando possíveis diferenças entre a adaptação e o evento histórico em si.

2 Referencial teórico

2.1 Representações

A História ainda tem o hábito de perpetuar a narrativa de dividir-se entre vencedores e vencidos, na importância de contar apenas o que é necessário, cujo foco é em figuras ilustres e em geral detentoras de algum tipo de poder. É assim que a tradição positivista, na qual a História é feita uma ciência exata, dita a visão; nela, há apenas um caminho, uma história verdadeira, sem a oportunidade de pontos de vista.

Na verdade, na História “única” do modelo positivista, é necessário que a história “alternativa” seja apagada, assim como a tradição que ela esconde, de maneira que a versão dos vencedores sempre triunfará, enquanto as dos vencidos é naturalmente uma inferior; eles são vencidos por uma razão, afinal, e essa razão eventualmente levou os vencedores a fazer do mundo um lugar melhor, um lugar “civilizado”. Um pouco sobre a visão de civilização e barbárie, Rogério Souza Silva (2001, p. 22) fala:

Na visão linear de tempo, é sempre necessário romper com o bárbaro, localizado no passado; avançar à civilização; ou, ainda, resgatar um passado glorioso. Essa visão de história é presa a uma noção de progresso, que teve no século XIX o seu momento áureo. No entanto, quando se observa, no final do século XX, que a noção de constante progresso das sociedades é colocada em xeque, nota-se a fragilidade dos conceitos e, conseqüentemente, as próprias visões de história que eles geraram.

O Entre Guerras (Mundiais) traria mudanças para o mundo acadêmico, que se estenderia ao saber e ao modo de se "fazer História". A Revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, de Lucien Febvre e March Bloch, iniciaria uma corrente que contrariava o pensamento positivista de frente; ela seria chamada de Escola dos Annales,

e tinha como proposta estudar História por outras veias, não apenas por documentos oficiais que retratavam apenas as elites, buscando também considerar fontes como história oral, documentos arqueológicos, etc.

De tal forma, a História passaria agora a ter pontos de vistas diferentes, baseados em fontes "não oficiais", estudando pessoas "normais" e, assim, mostrando um viés mais social na História (antes mais científica), e abrindo a oportunidade para a história ter "um caráter interdisciplinar, gerado pelo intercâmbio de informações entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da psicologia, geografia, antropologia, sociologia, dentre outras." (Gomes, 2019, p. 18).

A História, então, "deve romper com a visão dominante e resgatar o vencido, que está preso às amarras da cultura triunfante" (Silva, 2001, p. 23), fazendo com que, a partir da década de 60, novos trabalhos sobre "uma história escrita de baixo" (termo mencionado por Hunt, apud Gomes, sobre o trabalho de historiadores marxistas) apareçam.

A Escola dos Annales, de importância sentida principalmente na França e na América Latina, continua ainda hoje desenvolvendo noções de uma História "alternativa". Um dos conceitos é o conceito de História Cultural, no qual entra o que o seu atual estudioso, Roger Chartier, define como "representação":

As representações (...) inserem-se "em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação"; em outras palavras, são produzidas aqui verdadeiras "lutas de representações". E estas lutas geram inúmeras "apropriações" possíveis das representações, de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano. (...) O modelo cultural de Chartier é claramente atravessado pela noção de "poder".

Já na noção sociológica, temos nomes como Durkheim delineando o conceito de representação. Émile Durkheim é tido como um dos responsáveis de transformar a sociologia em ciência, dando-lhe "objetividade, verificação e experimentação"

(Horochovski, 2004, p. 2); para ele, o indivíduo é regido primeiramente pelo coletivo, e não o contrário, e é necessário entender como o coletivo, este herdado de gerações passadas, se estrutura, ao invés de constituir o indivíduo.

Há, ainda, a noção de homo duplex para Durkheim, uma divisão entre a alma e o corpo, sensibilidade e razão, o indivíduo e o coletivo. Para ele: “Há, de um lado, nossa individualidade, e, mais especialmente, nosso corpo que a funda; de outro, tudo aquilo que, em nós, exprime outra coisa que não nós mesmos” (Durkheim 1970, p. 318, apud Pinheiro, 2004, p. 2-3).” Assim, a sociologia se diferencia da psicologia devido à sua função de estudo do coletivo, enquanto a psicologia pode focar-se no indivíduo.

É preciso, então, reconhecer o coletivo em relação aos objetos que o afetam; tal coisa são as representações coletivas. O homem encontra o seu real em relação à sociedade, encontrando sua personalidade, sua consciência moral, seu pensamento lógico - todos os quais são dependentes da sociedade coletiva, do diálogo e da interação social, providos de um objetivo. A representação coletiva perdura e dura mais do que o querer ou fazer do indivíduo.

A vida representativa não se pode repartir de uma forma definida entre os vários elementos nervosos, já que não existe representação para a qual não colaborem vários desses elementos, tal como a vida coletiva só pode existir no todo formado por reunião de indivíduos (Durkheim 1988, p. 700; apud Pinheiro, 2004, p. 5).

De tal forma, representações coletivas podem tornar-se leis ou moralidades, criando uma dicotomia entre “certo” e “errado” ao agir ou não segundo esses regimentos. Essa noção é especialmente relevante no estudo de Instituições, entre elas, a da religião; em sociedades religiosas, o coletivo rege o pensar e o agir, reafirma o poder da memória por meio de seus ritos. Segundo Durkheim:

A religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também

devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo. (Durkheim, 1983, p.212; apud, Horochovskil, 2004, p.4)

As noções de Durkheim foram, porém, com o tempo, deixadas de lado na área sociológica, assim como o conceito de representação. Jodelet menciona que o momento entre Durkheim e futuros estudiosos da representação social é chamado de “a crise da representação”, anterior à “era das representações”, iniciada nos anos iniciais de 1980.

É a psicologia social que retorna a investigação do termo, principalmente Serge Moscovici, psicólogo romeno radicado francês; ao trabalhar por meio de análise de conteúdo e de questionários, ele pretendia estudar psicanálise, mas passou a ressignificar o trabalho de Durkheim, fazendo-o seu e inspirando múltiplos estudiosos a continuar a debruçar-se sobre o fértil assunto.

Para Moscovici, as representações (agora renomeadas como sociais) são equivalentes à uma maneira de como os homens pensam e agem e como tentam entender seus pensamentos e suas ações, maneira essa que pode ser substituída ou comparada à outros modos de ver o mundo, como o científico ou o filosófico. Ainda, sobre isso, é mencionado que:

Segundo Moscovici (1961), a representação social é uma forma de conhecimento que visa a transformar o que é estranho em familiar, por meio da agregação da novidade a estruturas de conhecimento já existentes e dotadas de certa estabilidade.” (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

A própria renomeação, de coletivas para sociais, tem sua importância: "ela deixa de ser um conceito que explica o conhecimento e crenças de um grupo para se tornar um fenômeno que exige explicação e que produz conhecimento." (Horochovski, 2004, p. 8) Ao trabalhá-las, o desconhecido vira conhecido e familiar, por meio de processos mencionados por Moscovici como ancoragem, onde é buscado um referencial do estranho para sua interpretação, e objetivação, que seria a representação em si; os processos, multidisciplinares, utilizam linguagem, imagens e ideias de um grupo para trazê-las à tona.

Na representação social de Moscovici, o senso comum é relevante e dependente de onde ele se enquadra, em qual relação social ele permeia; a identidade social (inclusive como e porquê elas pensam, agem e ordenam tais ações para os outros) das pessoas desse grupo, portanto, é moldada devido às suas interações, além. Para Moscovici, inclusive, o senso comum não é sem regras ou sem sua cientificidade, e vê-se a sua importância quando aplicado da maneira descrita anteriormente, para entendê-lo e perpassar conhecimento por meio desse desenvolvimento.

Além de Moscovici, outra autora que também discute sobre o tema é Denise Jodelet, psicóloga francesa. Para ela, o estudo das representações sociais, tal como para Moscovici, é transdisciplinar, relevante tanto para a psicologia quanto para a sociologia, a história e a antropologia; as representações sociais, inclusive, são mutantes em seu desenvolvimento a partir da história, elas:

evoluem na medida das mudanças intervenientes nos modelos culturais, nas relações sociais, nas circunstâncias históricas que afetam os contextos em que se desenvolvem, nos agentes que as forjam a partir de sua experiência e de sua inserção em uma rede de vínculos sociais e intersubjetivos. (JODELET, 2017, p. 28).

Segundo Jodelet (2017), representações sociais são um modo de entendimento do contexto social e material que vivemos; eles se apresentam como elementos cognitivos, mas não continuam sendo apenas imagens, conceitos, categorias e teorias, devido à sua maneira de ser elaborada e compartilhada socialmente, assim construindo uma realidade. A maneira de estudar as representações sociais engajam, então, interação, discurso, pensamento, cognição, etc, evidenciando ainda mais a sua multiplicidade.

Os fenômenos são criados por indivíduos na sua vivência, endossados a partir "de sua circulação no espaço social como visões compartilhadas, subentendidos ou preconcebidos". São tanto conteúdos como processos; alguns estão em movimento, outros são uma materialização, ou um "pano de fundo de informação".

Sobre as representações sociais, Jodelet ainda menciona:

Esses fenômenos são produtos mentais que podem ser abordados no plano individual e coletivo, enquanto sistemas de conhecimentos, saberes e significados. No plano individual, eles são tidos como baseados nos pertencimentos sociais, no lugar nas relações sociais, nas trocas intersubjetivas e induzindo a engajamentos ideais e práticos. No coletivo, correspondem a visões compartilhadas, comuns a uma formação social, e nelas disseminadas por meio das comunicações. O que leva a concentrar a ênfase no pensamento social, como uma construção mental de objetos do mundo e fonte de formas de vida que afetam o devir social. (JODELET, 2017, p. 25).

Assim, as representações são múltiplas. Ao considerarmos diferentes visões sobre um evento, ou pessoa — no caso deste trabalho, Antônio Conselheiro — não é apenas sobre "questionarmos tais representações, no sentido de descaracterizá-las enquanto verdades absolutas" (Gomes, 2019, p. 13), mas também para entender como tais noções foram criadas e como elas se perpetuam, até o momento, com seus diferentes níveis de concordância.

Isso é ainda mais pertinente quando se estuda uma pessoa cujas narrativas são tão diferentes, devido à influência do discurso contemporâneo celebrado ter sido escrito pelas pessoas a quem Conselheiro contrariava, e não aos que o acompanhavam, cujas vozes foram necessariamente silenciadas.

2.2 Conselheiro

Antônio Conselheiro nasceu Antônio Vicente Mendes Maciel, no ano de 1830, na Vila do Campo Maior em Quixeramobim, no Ceará. Sua mãe morreu ainda jovem, quando ele tinha seis anos e seu crescimento foi supervisionado pelo pai, que logo tratou de matriculá-lo em uma escola particular. Educação era uma coisa importante para o pai de Antônio Vicente, "pois em uma região desprovida de recursos, a carreira eclesiástica era uma maneira de tornar-se letrado e, em uma sociedade de iletrados, isso significaria prestígio". (Silva, 2001, p. 41).

Como desejado, Antônio se mostraria um aluno exemplar, aprendendo não somente a ler e escrever, mas diversas línguas, e estudos sobre livros religiosos os quais, segundo Arruda, tinha uma preferência. Apesar disso, porém, Antônio Vicente não seguiria a carreira eclesiástica; Gomes cita que, invés disso, "Antônio Vicente

desempenhou diversas profissões, que, mesmo à sua época, necessitavam de certo nível de conhecimento, para que fossem realizadas: escrivão de Juiz de Paz, solicitador ou requerente de foro, advogado provisionado, professor de português, aritmética, geografia, dentre outras". Cada experiência profissional parece ter lhe dado uma noção que se demonstraria mais vivamente no futuro: a de olhar para os menos favorecidos e defendê-los.

Tal visão, muitos historiadores comentam, pode ter tido sua gênese ainda quando Antônio Vicente era uma criança, quando o sertão central foi perturbado por uma luta entre a família Maciel e a família dos Araújo; as famílias se rivalizaram e mataram uns aos outros pelo controle de terra, e, segundo Moniz (1987; apud Gomes, 2019, p. 26-27), "a polícia e a justiça não atuavam pela manutenção da ordem, senão de forma parcial, limitando-se a acatar os posicionamentos estabelecidos pelos mais fortes, os que detinham maior poder econômico". Antônio, então, seria testemunha das injustiças sociais ocorridas no sertão, as mazelas que sempre ocorriam aos mais fracos e isso eventualmente seria uma das forças de luta de Antônio Conselheiro.

O ponto de mudança entre os "dois Antônio" é frequentemente mencionado como tendo acontecido até 1874: ao pegar a esposa o traindo com um sargento de polícia, Antônio "fulminado de vergonha, (...) procura o recesso dos sertões, paragens desconhecidas, onde não lhe sabiam o nome: o abrigo da absoluta obscuridade". (Cunha, 1984, p. 109). A obscuridade de Antônio Vicente não seria duradoura — ao bravejar pelos sertões, ele se entrelaça com os sertanejos, faz da dor deles sua e os guia por meio de interpretações religiosas e sociais dos materiais que ele tivera acesso desde a sua infância. Passa a agir em função dos pobres nas suas andanças, buscando melhorias por onde andava; Silva (2001, p. 50) menciona que Antônio fez parte de "construção de açudes, reforma ou construção de igrejas e cemitérios, além de ter erguido o núcleo urbano de Bom Jesus (atual Crisópolis)."

Ainda em 1874 Antônio faria a sua primeira aparição nos jornais da época, como "Antônio dos Mares". Segundo Gomes, sobre Antônio, o Rabudo, um jornal sergipano, escreveria, em novembro de 1874:

um "mysterioso personagem, trajando uma enorme camisa azul que lhe serve de hábito a forma do de sacerdote, pessimamente suja, cabellos mui espessos e sebosos entre os quais se vê claramente uma espantosa multidão de bixos (piolhos). Distingue-se elle pelo ar mysterioso, olhos baços, tez desbotada e de pés nus; o que tudo concorre para o tornar a figura mais degradante do mundo."

A descrição do visual abominante de Antônio Conselheiro seria apenas uma das táticas para caluniá-lo em frente ao público que o conhecia apenas por essas histórias, que carregavam tentativas constantes de desonrá-lo. É interessante notar que a razão por trás disso vinha não somente da aparência de Antônio, mas principalmente da sua capacidade de oratória, que, em 1876, já havia o conquistado um secto crescente de fiéis composto por "jagunços, fanáticos e beatos (...) camponeses sem trabalho, flagelados arruinados pela Grande Seca de 1877, assim como índios e negros recém libertos, que viam naquele pregador embrutecido um enviado de Deus" (Câmara, 2015, p. 10).

Nesse ponto, é importante notar a situação socioeconômica do Nordeste brasileiro no momento da proclamação da República. Apesar de tal evento vir alinhado a um processo de progresso nas cidades brasileiras, a República ainda foi beneficiária principalmente ao poder oligárquico que já mantinha monopólio nas áreas rurais, dependentes da agricultura e da pecuária.

Enquanto o Sudeste recebia investimentos no comércio, figurando-se importante com o cultivo e exportação do café, o Nordeste enfrentava as temidas estiagens, secas consecutivas, e a própria importância do açúcar e do algodão diminuía. Embora com importância diminuída, a cana de açúcar ainda era o bem mais cultivado, enquanto os alimentos eram escassamente plantados e, portanto, vendidos a preços exorbitantes.

Há ainda a situação da abolição da escravidão, ocorrida durante o final do século XIX, e feita com descaso para com os recém-libertos. Estes, liberados em uma sociedade baseada no trabalho assalariado, mas sem meios de estudo ou trabalho que os qualifique e nem moradia, pois agora os senhores não tinham quaisquer responsabilidade para com

eles e ainda preferiam a mão de obra estrangeira para manutenção das fazendas que ainda tinham funcionamento.

O número de camponeses sem terra, então, apenas aumentava, ainda mais com leis que restringiam o direito à propriedade da terra, forçando a população sem terra a trabalhar por pouco nas mãos dos coronéis, quem mantinha o poder econômico, social e político, frequentemente sem escrúpulos e de forma violenta, sob a qual os sertanejos eram subjugados. Os que abandonaram as lavouras, viravam "ociosos" (como assim as autoridades os chamavam", gente propícia para banditismo e rebeldia social ou, ainda, guiados por beatos (como foi o caso dos conselheiristas), criando um "universo no qual operava um fenômeno que Menezes (1997) denomina de 'a dialética do rifle e do rosário'". (Carneiro, 2013, p. 33)

A plêiade de Conselheiro (como colocado por Câmara), não deixava-se influenciar pelas notícias de jornais, nem mesmo quando Antônio Conselheiro foi preso, em 1876, suspeito de crimes no Ceará. Ele seria transportado até Salvador, e então para o Ceará. O julgamento não daria em nada, já que os crimes pelos quais ele era acusado eram o de assassinato de sua mãe (falecida quando ele ainda era criança) e de sua esposa (bem viva, ainda morando em uma cidade do Ceará), mas todo o processo foi bem registrado por jornais ao redor do Nordeste, então referindo-o como Antônio Conselheiro, e descrevendo-o como "hipócrita, tumultuador, supersticioso, desrespeitador das autoridades, inclusive as eclesiásticas" enquanto os "seus seguidores são, comumente, classificados de 'fanáticos adeptos'" (Gomes, 2019, p. 38-39.)

Logo há mais notícias sobre a periculosidade de Conselheiro; um dos momentos notórios seria a Queima das Tábuas, momento no qual, estando na cidade de Bom Conselho, próximo a Canudos no sertão baiano, os seguidores de Conselheiro arrancaram editais de cobrança de novos impostos. Apesar de serem vistos por autoridades locais, estes eram apenas 50, enquanto os "conselheiristas" eram mais de mil, e nada ocorreu com eles; uma ordem de prisão foi tida contra Conselheiro, mas, mais uma vez, seus seguidores conseguiram afastar os policiais e Conselheiro permaneceu

livre. Tal evento foi apenas um dos que serviu para deslustrar a imagem de Conselheiro e seus seguidores.

A peregrinação longínqua de Conselheiro e sua gente tem fim em 1893, quando eles chegam às margens norte do rio Vaza-Barris, na antiga Fazenda Velha de Canudos, renomeada por Conselheiro como Arraial do Belo Monte. A localidade logo teria sua população expandida de forma extraordinária, virando a segunda localidade mais populosa da Bahia, com 25 mil habitantes. Segundo Câmara (2015, p. 11):

Canudos era um oásis de prosperidade sem ganância na aridez do sertão de fome e penúria, a prova cabal de que a vida digna poderia ser atingida ainda neste “vale de lágrimas”, mas sem a necessidade do vil metal, que mais divide qual agrega, nem das promessas infundadas que os padres apregoavam, que se atinham à teoria de uma prática numa vida plena somente após a morte.

Para a opinião pública, porém, Canudos “representava o atraso social e o fanatismo religioso” (Câmara, 2015, p. 8). Há ainda aqueles que ligavam o líder religioso diretamente com a monarquia, o que se tornou apenas mais uma razão para que o governo agisse; com o aceite popular, a campanha de extermínio à Canudos se mostrou necessária e logo se concretizou. Foi preciso quatro empreitadas para que o povoado fosse aniquilado, seus mais de 20 mil habitantes dizimados por entre as táticas militares, a fome e outras atrocidades.

3 Metodologia

Esse trabalho se caracteriza pela abordagem qualitativa, exploratória quanto aos objetivos, tendo como procedimentos as pesquisas bibliográficas e documental.

Nesse caso, o documento trabalhado é um filme; nem sempre filmes foram levados em consideração seriamente como objetos de pesquisa. O historiador Marc Ferro foi um dos primeiros a trabalhar com filmes, e, para ele, o filme deve ser estudado “não como uma obra de arte, porém como um produto, uma imagem-objeto, cujas significâncias não são somente cinematográficas” (FERRO, 1988, p. 203 apud DAVSON).

Ainda sobre utilizar filmes como base documental em trabalhos acadêmicos, Ramos e Serafim (2007) assinalam:

Sublinha-se a importância do filme para desvendar aspectos da sociedade por vezes à margem, difusos ou ostensivos a fim de trazê-los para o campo do visível e partilhá-los, não só, com as pessoas filmadas, mas também com outros pesquisadores e a comunidade em geral.

A abordagem de Penafria (2009) foi essencial para o desenvolvimento do presente trabalho. Para a análise de um filme, segundo a autora, é necessário a decomposição e a interpretação para que o filme seja idealmente entendido. Assim, o filme foi entendido como um texto, por meio do qual são observados os diálogos e as imagens, além de elementos culturais e sociais associados ao filme.

De tal forma, foi utilizado primariamente o filme Guerra de Canudos, de Cláudio Rezende, lançado em 1996, como documento base para esse trabalho. Foram analisadas o diálogo e a imagem de diversas cenas dentro do filme, em especial as quais Antônio Conselheiro está como participante, mas também aquelas nas quais personagens originais o discutem; de tal forma, o início da pesquisa teve como início a introdução do filme e do personagem de Conselheiro, e fim com uma menção por um dos combatentes restantes de Canudos, quem compara Conselheiro (“meu bom pai Conselheiro”) como o seu segundo libertador, precedido pela Princesa Isabel (ao assinar a Lei Áurea) e seguido por Deus “que não tarda e há de me tirar dessa miséria”; para melhor dissecá-lo, o texto foi dividido entre três partes, cada uma com uma denominação da situação de Antônio na sua representação no filme: peregrino, regente e rei dos jagunços.

4 Resultados e discussão

4.1 PEREGRINO

Embora esse trabalho foca-se em Antônio Conselheiro, é importante notar que o filme segue uma família sertaneja formada por um pai, uma mãe, duas filhas e um filho. Miseráveis, com apenas umas vacas magras e caças ainda mais magras para se sustentar, a família aparece como uma retratação típica do sertanejo e é por meio da

caminhada deles que a história do filme se desenrola; por meio deles, também, é possível visualizar o sujeito anteriormente mencionado por diversos autores, como Câmara.

A primeira aparição de Conselheiro no filme é extremamente fiel (e quase uma descrição exata à de como os jornais da época o descreviam) à sua descrição histórica: um velho de cabelos grisalhos longos, em uma camisola azul desgarrada, sendo acompanhado por uma procissão que entoava cantigas religiosas pelo sertão afora. Ele aparece como um salvador logo de cara, após momento de tormenta dos protagonistas (que foram “roubados” pela República após cruel coleta de impostos); o protagonista, inclusive, o refere como “Bom Jesus Conselheiro”.

Ao aproximar-se, Conselheiro pede apenas para que ele possa servir água ao seu povo e, na cena seguinte, já o ouvimos pregando uma das suas rogas carismáticas, inclusive, contando como ele chegou a ser quem é: por meio de uma visita de Deus, ele foi aconselhado a começar sua peregrinação, a qual não será sem penitências e perseguições, mas estes deverão ser pagos por Conselheiro com boas ações, com a promessa de que ele e os seus seguidores serão abençoados no céu.

As palavras de Conselheiro logo encanta o patriarca da família, mas a filha mais velha tem suas reservas sobre a figura estranha de Conselheiro. Enquanto o tal olha para a câmera de forma aparentemente alarmante enquanto observa os seus discípulos, mãe e filha discutem sobre Conselheiro: enquanto a mãe menciona que o homem não é padre, mas é santo, a filha acha que Conselheiro mais parece “o demo”.

Ilustração 1 – A primeira pregação de Conselheiro



Fonte: Guerra de Canudos (1996)

Mesmo com suas reservas, o pai decide que a família irá seguir Conselheiro, mencionando, inclusive, que “o nosso destino agora está nas mãos do bom Conselheiro” e que ele “tem o rumo certo”. A família, então, passa a representar uma das diversas que abandonaram o pouco que tinham para seguir Conselheiro pelos sertões afora, embora por meio da filha, Luiza, passamos a receber uma visão oposta dos conselheiristas: ela imagina o religioso como apenas mais um “cabresto” e prefere fugir do que se unir ao grupo retirante.

O filme apresenta, então, o Conselheiro rebelde, contra ao “anticristo” da república, ao mostrá-lo se revoltar contra um coletor de impostos; suas palavras atizam seus seguidores e recebemos uma interpretação, certamente diminuta mas ainda assim importante, do incidente factual da Queima das Tábuas, mencionado anteriormente por Gomes (2019, p. 40):

(...) episódio que se deu num dia de feira livre, na cidade de Bom Conselho, onde, indignados contra a injusta inserção de novos impostos, estabelecidos pelo governo republicano, os conselheiristas decidiram arrancar os editais de cobrança que se encontravam afixados em tábuas, às portas da Câmara, e queimá-los, em praça pública.

Essa é mostrada como a primeira “afronta” de Conselheiro no filme; ao contrário do incidente real, não vimos a polícia responder, mas o coletor de impostos menciona que esse prelúdio “não vai ficar assim”.

4.2 REGENTE

Mais uma vez como na realidade, logo após esse incidente, Conselheiro “após mais de mil léguas”, acaba com suas andanças ao achar Canudos, o seu “Império de Belo Monte”. A nomenclatura de “império” é um tanto preocupante; não sabemos na verdade o quão rebelde o Conselheiro real era, se era o suficiente para se proclamar regente de um Império próprio, mas o Conselheiro do filme parece, pelo menos até então, estar firme na sua resolução de a República é obra do “anticristo” e que, por isso, eles devem se impor contra ela de todas as formas.

Durante o resto do discurso, são ditadas as famosas regras de “trabalho, reza e respeito para com o outro”, o que certamente ajudou o povoado a prosperar; cenas depois, um dos sertanejos explica que a sua produção na roça fica para eles, e o resto para “a Companhia do Bom Jesus”, para os “entrevados e os velho” viver, além da criação de escola para os jovens; tal partição realmente ocorreu, fazendo com que toda Belo Monte floresça.

Ainda, Conselheiro avisa que a estada deles na região não será pacífica; segundo ele, “haverá quatro fogos: os três primeiros são meus, e o quarto eu deixo na mão do meu Bom Jesus”. Tais palavras mistificam ainda mais o “Bom Conselheiro” pois além de beato, ele passa a ser mítico, sabendo do futuro e o proclamando a fim de alarmar o seu povo do bom e do ruim que ainda está por vir enquanto eles morarem em Belo Monte.

Ilustração 3 – Conselheiro e o cordeiro



Fonte: Guerra de Canudos (1996)

Beato, mítico, governante e comerciante – o filme nos mostra Conselheiro tomar uma responsabilidade de cada vez ao acolher comerciantes, contanto que eles dividam o que é seu para com ele (além de não ser maçom, nem republicano), o que fica subentendido, então, ser necessário para que não falte nada para o seu povo. É notório a maneira como Conselheiro está emoldurado durante essa cena: segurando um cordeiro de forma gentil, enquanto organiza o futuro de Belo Monte comercialmente, belicamente – ao ordenar que uma Guarda seja criada para defendê-los das tropas (que chegaram “amanhã”, segundo o mítico Conselheiro) – e espiritualmente, ao erguer cruz e igreja.

O primeiro “fogo” realmente acontece, com os conselheristas ganhando a batalha contra o exército. Sobre o que resultou esse assalto contra o povo de Canudos, Gomes (2019, p. 51), menciona:

O resultado desse embate resultou no aumento do prestígio de Antônio Conselheiro em meio à população pobre e explorada do sertão, os quais tiveram as suas esperanças renovadas na ousadia e na coragem daqueles sertanejos que, mesmo não possuindo dispositivos bélicos avançados empreenderam luta tão célebre, doando suas próprias vidas na defesa do direito de tantos outros sertanejos sonharem com dias melhores.

O acontecimento apenas aumenta a popularidade de Canudos, e, em meio às lutas no filme, vemos muitas pessoas, de todos os tipos, chegando para o arraial, oferecendo tudo o que tinham — pouco e muito — em troca da moradia sob o controle de Conselheiro.

4.3 PAI DOS JAGUNÇOS

Conselheiro não pega em armas durante o filme, mas para ele não há necessidade. Os seus discursos são o suficiente para alimentar o fervor dos seus seguidores, e sua Guarda se mostra bem preparada, entre sertanejos e jagunços, prontos para lutar e morrer por Conselheiro, sua “pleiade”, nas palavras de Câmara (2015). Um deles, Pajeú, inclusive, decide matar um dos coronéis da região, que muito mal fala de Conselheiro. Não vimos ordem sendo dada para tal caso, mas há o questionamento se há necessidade para isso quando Conselheiro instituiu a Guarda e incita o seu povo contra aqueles que os querem mal; assim, ele passa a ser não um guerrilheiro, mas protetor e “pai” deles.

A próxima vez que Conselheiro aparece na tela, duas expedições (“dois fogos”) já passaram por Belo Monte, ambas sem sucesso. Ele agita o povo avisando que “um filho do cão” com “mil demônios” está marchando para Belo Monte para tomar a morada deles. O tal filho do cão, coronel Moreira César, afirma que veio para Canudos não para matar Conselheiro, mas para prendê-lo em uma jaula e mostrá-lo pelas ruas para que o povo veja que isso é a monarquia: “loucura”. Para os invasores, Canudos é um reduto da monarquia, e por meio da publicação em jornais, tal também passa a ser a opinião pública do país.

Apesar da certeza do adversário e da iminente invasão do exército brasileiro, Conselheiro se mostra resoluta, certo de que esse é o “terceiro fogo” e que ainda nada acontecerá com Belo Monte, confiando na sua Guarda. Quando a Guarda volta, vitoriosa, com as armas do exército, a tela mostra Conselheiro observando, como sempre impassível. Para ele, “quem luta por Deus não morre”, o que é suficiente para incitar até adolescentes a lutar para defender Belo Monte.

Conselheiro, então, é alguém inspirador, frequentemente fora da tela enquanto o filme discorre; apesar de não aparecer, suas palavras ainda carregam peso nos personagens que participam da Guerra. Quando aparece, é observando os pormenores da guerrilha ou lembrando o seu povo do “quarto fogo” e do dever do povo de Canudos de defender Belo Monte, por ordem do Divino. Para Conselheiro, Belo Monte é o “templo do Senhor” e, em um momento de raiva, ele roga pragas contra os invasores, pragas essas que acabam virando realidade para o exército.

Ilustração 3 – Conselheiro roga pragas



Fonte: Guerra de Canudos (1996)

Enquanto isso, em Belo Monte, Conselheiro conforta a família protagonista, que acabou de perder o filho para a guerrilha. Nesse momento, vemos mais um momento do mítico Conselheiro, ao mencionar a cicatriz de cruz de José Lucena, a qual ele acabara de fazer em si mesmo. O filme insiste, então, na narrativa de que as visões de Conselheiro são realmente verdadeiras, presentes tanto em coisas menores quanto em coisas maiores, como o desenrolar da Guerra, o que apenas o faz crescer de valor para os seus seguidores.

Após a morte de Conselheiro, as coisas pioram em Canudos. Há quem se renda, e há quem lute até a morte gritando pelo seu nome ou quem se jogue no fogo para receber a vida eterna, como nas palavras do “Bom Pai”.

5 Considerações finais

O cinema é uma forma de discurso rica, capaz de construção de significados sociais. Todo o processo desde a escolha do elenco, da estética, da gravação, tudo isso torna-se impactante e de importância significativa para quem o assiste. O cinema pode, inclusive, atuar como uma ajuda para a consolidação do imaginário contemporâneo, seja por meio da criação de culturas (como a cultura nerd) ou na própria solidificação da visão de alguma pessoa ou situação. Tal coisa aconteceu em vários momentos da história, como quando o Terceiro Reich utilizou produções cinemáticas para instituir seu poder e propagar seu domínio. Mais recentemente, de forma positiva, vemos uma representação da Ditadura Militar brasileira no filme *Ainda Estou Aqui*, apresentando uma faceta diferencial da época.

Assim, a Guerra de Canudos também se apresenta. Lançado como uma obra de aniversário da tragédia, é recheada de atores imponentes, foi filmado na Bahia, onde foram construídos povoados apenas para a obra e se baseia nos textos, apesar de trazer uma história original para sensibilizar a audiência e fazer uma imersão no momento histórico, por meio do camponês pobre que decide juntar-se à Conselheiro e entrega-lhe a vida atrás da sua liberdade. Por meio do filme, é visto os vários lados da Guerra: o do camponês pobre, o que luta por Conselheiro e por Deus, o que luta pela sua própria terra e a família, o soldado que luta pela República.

Retratado em diversos jornais, livros, cordéis e demais escritos, a figura de Conselheiro tem um papel fundamental no filme. Peregrino, regente e pai dos jagunços, ele é interpretado por José Wilker de maneira forte, mas Conselheiro nunca pode se qualificar como apenas humano: ele é um ser mítico, seguidor da palavra divina, enviado para o meio do povo pobre para agir como um pastor que os guia pelo deserto por meio de provações para “A Terra Prometida”.

As provações, inclusive, não acabam quando eles se assentam em Canudos, e o próprio Conselheiro os avisa tal coisa, mostrando o seu dom sobrenatural, demonstrado em outros momentos do filme, como já explanado anteriormente. Ele é tal como Jesus, mostrando a outra face mesmo em momentos nos quais ele é duvidado, apresentando-se raivoso em frente à injustiça e lutando pelo seu, mas não por si próprio; ele definha tal como o seu povoado, mas, mesmo morto, se mantém na boca e no coração do seu povo para lhes dar força até o fim do filme. Sua aparência e seu fervor, sua habilidade com o povo e a intensidade de quem o segue, porém, da-lhe um ar de que seus poderes não são exatamente divinos.

O filme não teme em ser crítico e mostrar como a mudança entre o Império e a República afetou os camponeses para pior; por meio dos seguidores de Conselheiro, vemos como a pobreza e a injustiça reinam, lado a lado ao coronelismo que apenas cresce. Quando os camponeses começam a seguir Conselheiro, então, ele vira inimigo dessa ordem poderosa, o suficiente para que eles sejam os primeiros a atizar, entre conversas em bares e prostíbulos, para que a polícia e os militares façam algo contra ele, que os "rouba" da mão de obra. O filme também mostra que a inimizade é mútua: não por Conselheiro, que sempre se afasta de atuar ele mesmo, mas por meio dos injustiçados, que inclusive matam um dos coronéis (e é interessante notar que não vemos uma ordem direta de Conselheiro para fazer tal coisa, mas não foram as suas pregações quem influenciou os seus seguidores?).

Seja como for, Conselheiro é imortalizado. Seja na boca do negro liberto, do camponês pobre, do comendador rico ou do soldado que o xinga, ele demonstra sua influência de forma clara, sendo tanto o bem-feitor, quanto o inimigo. Sua imagem, então, é múltipla: depende de quem o vê e de como ele é creditado. O importante é que ele não é esquecido, nem depois de sua morte, e como o seu crédito é necessário para o levante e a queda de Canudos.

Referências

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 9, núm. 1, UEM, Maringá. 2005, p. 125-141.

BOVO, Ana Paula Martins Corrêa. "Antônio Conselheiro: os vários". Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

CÂMARA, Yzy Maria Rabelo; CÂMARA, Yls Rabelo. Canudos revistado: uma breve análise do que foi a utopia de Antônio Conselheiro, ameaça à consolidação do poder da república no final do século XIX. Revista Entrelaces, Fortaleza, ano 4, n. 5, p. 5-19, mai. 2015.

CARNEIRO, Leonardo Lima Vasconcelos. Belo Monte: religiosidade e luta no sertão semiárido. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2013.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Volume II, Rio de Janeiro: 1984.

DAVSON, F. P. da S. O cinema como fonte histórica e como representação social: alguns apontamentos. HISTÓRIA UNICAP, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 263–273, 2018. DOI: 10.25247/hu.2017.v4n8.p263-273. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/961>. Acesso em: 4 jul. 2023.

GOMES, Paulo Bibiano da Silva. Antônio Conselheiro e as prédicas do Belo Monte: palavra e fé no sertão. 2019. 137 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

JODELET, D. Representações sociais e mundos de vida. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: VI Congresso SOPCOM. 2009.

PINHEIRO FILHO, F. A. . A noção de representação em Durkheim Lua Nova. Revista de Cultura e Política, v. 61, p. 17 - 30, 2004.

PIRES, M. C. F.; SILVA, S. L. P. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 127, p. 607-616, abr.-jun. 2014.

RAMOS, N.; SERAFIM, J. F. Cinema documentário, pesquisa e método: desafios para os estudos interdisciplinares. *Revista Contracampo*, n. 17, p. 163-178. Niterói: UFF, 2007.

SILVA, Rogerio Souza. Antonio Conselheiro: a fronteira entre a civilização e a barbárie. Rio de Janeiro: Annablume, 2001.

SPINK, M. J. P. The Concept of Social Representations in Social Psychology. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Interam. j. psychol.*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 379-390, dez. 2007. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 nov. 2024.